



Boletim Cultural Digital

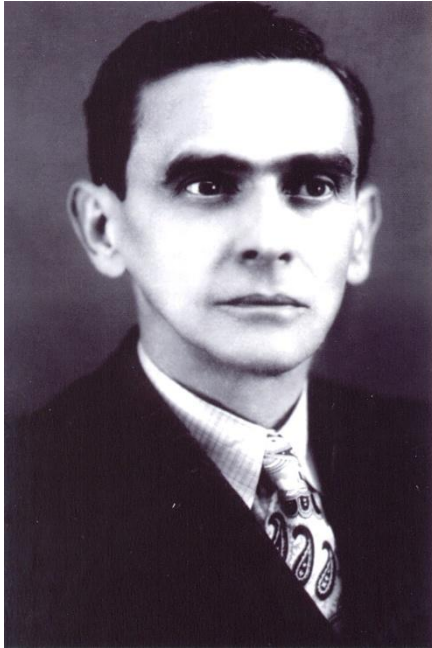
**O Marambiré**

Arte – Cultura – Folclore – História – Literatura – Meio Ambiente



ANO I – NÚMERO 5 • 10 DE MAIO DE 2011 • EDITOR: LUIZ ISMAELINO VALENTE • E-MAIL: ISMAELINO@TERRA.COM.BR

## Alcides Gentil (1891-1963) – um filósofo e jurista de projeção internacional



Alcides Gentil foi um dos grandes vultos da cultura alenquerense que se projetou internacionalmente (foto cedida por Alcides Gentil Sobrinho).

Esta edição de **O Marambiré** é especialmente dedicada a um dos vultos mais notáveis da cultura brasileira: o escritor, filósofo, jurista, jornalista, orador, poeta e professor **Alcides Gentil**, nascido em Alenquer em 23 de agosto de 1891, cujo nome ultrapassou o cenário regional e nacional para projetar-se internacionalmente. Era o filho mais velho do coronel Joaquim Caetano Viana Gentil e de sua esposa Emília Benvenida Pereira Gentil, ambos naturais de Santarém, ele descendente de portugueses e italianos e ela descendente de espanhóis e italianos. Alcides Gentil fez o curso primário em Belém e iniciou os estudos preparatórios (equivalentes, hoje, ao segundo grau) no Ginásio Paes de Carvalho, concluindo-os, porém, no Colégio de São Vicente de Paula, em

Petrópolis, no Rio de Janeiro, onde foi aluno brilhante e laureado. Depois, cursou até o terceiro ano de Medicina, mas preferiu transferir-se para o curso de Direito, diplomando-se em 1917, aos 26 anos de idade. Em 14 de agosto de 1918, Alcides Gentil casou-se com Humbertina Lopes Gentil, também nascida em Alenquer, com a qual teve seu único filho, o economista Joaquim Caetano Gentil Netto, que fez carreira como Assessor-Chefe de Organização da Petrobras e também como diplomata.

De 1918 a 1920, Alcides Gentil foi Promotor Público na comarca de Óbidos. Radicou-se depois em Belém, onde foi professor de Português na Escola Normal do Pará e de Filosofia no Ginásio Paes de Carvalho, exercendo, ainda, a função de Advogado da Prefeitura Municipal de Belém.

Participando intensamente da vida intelectual e literária de Belém, Alcides Gentil foi o **primeiro alenquerense a integrar a Academia Paraense de Letras (APL)**, ocupando a Cadeira nº 22, que tem como patrono o escritor João Pedro de Figueiredo.

(Em 17 de fevereiro de 1946, por proposta do acadêmico Oswaldo Viana, a APL transferiu Alcides Gentil do quadro de “sócios perpétuos” para o quadro de “sócios perpétuos honorários”, tendo em vista a mudança do seu domicílio para o Rio de Janeiro. Na Cadeira nº 22 da APL, Alcides Gentil teve como sucessores o escritor Tomás Joaquim Celestino Nunes, a professora Maria Annunciada Ramos Chaves, ambos já falecidos, e o seu atual ocupante e titular, professor João Paulo do Val-

le Mendes, instituidor e reitor do CESUPA).

Com o estímulo e a ajuda financeira do Dr. J. Gesteira, fabricante dos famosos medicamentos que levavam esse nome, Alcides Gentil fixou residência, no início da década de 1940, no Rio de Janeiro, então capital da República, onde lecionou Sociologia na Escola Normal (cadeira conquistada por concurso público) e Economia Política no Colégio Dom Pedro II, ocupando, ainda, os cargos de Promotor Público (do qual exonerou-se em protesto contra a perseguição que a polícia de Getúlio Vargas fazia contra os centros espíritas), de Inspetor da Faculdade de Direito de Niterói e, desde 1952, de Advogado do Estado da Guanabara, no qual se aposentou em 1961, vindo a falecer em 11 de agosto de 1963, doze dias antes de completar 72 anos de idade. Seu corpo foi inumado no Cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro (quando este já não era o Distrito Federal).

Ainda em Belém, Alcides Gentil fez parte da redação do jornal *A Folha do Norte* (hoje extinto) de propriedade do lendário jornalista João Paulo de Albuquerque Maranhão, de quem foi amigo e colaborador, num tempo em que, como escreveu Georgeton Franco, “nessa folha estavam congregados os homens de maior talento da Amazônia.”

Consoante registram José Ildone, Clóvis Meira e Acyr Castro na *Introdução à Literatura no Pará* – “A vida profissional e literária de Alcides Gentil foi muito intensa. Jornalista. Redator-chefe da *Folha do Norte*. Colaborador dos jornais mais respeitados do Rio de Janeiro, como o *Correio da Manhã*, *O País* e o *Jornal do*

*Commercio*. Seus artigos eram frequentes e vibrantes. Na *Folha do Norte* travou polêmica com vultos notáveis da cultura paraense. Filósofo e pensador, admirador de Alberto Torres, fundou, no Rio de Janeiro, a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, da qual era o secretário-geral.”

Aos vinte anos de idade, ainda estudante universitário, Alcides Gentil editou o seu primeiro livro: **O Brasil e o Internacionalismo** (1911). Logo se tornou um escritor prolífico, publicando, sucessivamente, as seguintes obras: **Os novos horizontes da Política Nacional** (1913); **As Semrazões da Inconsciência** (1918 – uma “pequena resposta às diatribes do Sr. Antônio Torres”, que criticara a filosofia de Alberto Torres); **O Caso Martins Pinheiro** (1919); **Ruy Barbosa** (1922 – uma interessante biografia do maior advogado brasileiro de todos os tempos); **Notas à Entrevista de Dionysio Bentes** (1925); **Que é a Sociologia?** (1930 – sua tese de concurso para a cátedra de Sociologia da Escola Normal do Distrito Federal); **Estética da Língua Portuguesa** (1931); **As Idéas de Alberto Torres** (cf. a ortografia da época, 1932 – sua obra mais famosa, em que sintetiza, com invulgar maestria, o pensamento do grande escritor, filósofo e político brasileiro Alberto de Seixas Martins Torres (1865-1917), do qual foi amigo e o mais fiel discípulo) e **As Idéas de Getúlio Vargas** (seu último livro, publicado em 1939).

Também ficaram famosos os estudos de Alcides Gentil, publicados nos jornais do Rio, sobre a encíclica *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII, que tratava das condições dos operários, bem como suas monografias, igualmente publicadas nos jornais cariocas, sobre o pensamento do presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt, um dos principais líderes aliados na II Guerra Mundial e idealizador do **New Deal** – cuja tradução literal para o português é

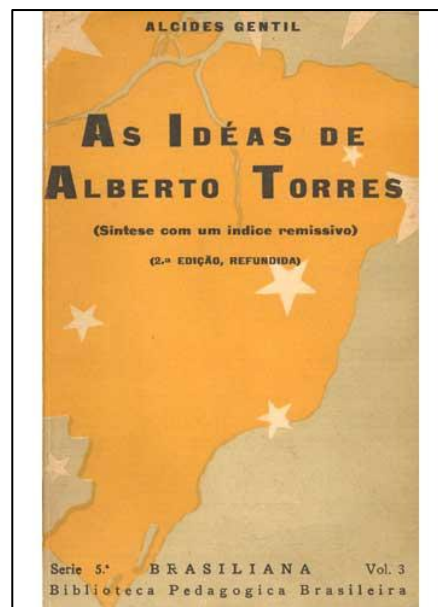
“novo acordo” ou “novo trato”, isto é, a série de programas implementados para combater os efeitos da grande recessão econômica que abalou os Estados Unidos em 1929, prolongou-se por toda a década de 1930 e só foi deveras superada no curso da II Guerra Mundial.

Na opinião de J. Eustáquio de Azevedo em sua obra *Literatura Paraense*, Alcides Gentil “era uma inteligência aprimorada e de cultura sólida. Além de seus conhecimentos jurídicos, era poeta inspirado, orador fluente e escritor”. Oliveira Vianna, no prefácio do livro *As Idéas de Alberto Torres*, destacou ter sido Alcides Gentil “o mais seguro conhecedor da filosofia de Alberto Torres”, e que a sua “inegável autoridade como exegeta e sintetizador” do *torrismo* decorre, precisamente, do fato de ter sido Alcides, dentre todos os discípulos de Alberto Torres, “o que mais de perto conviveu com o mestre, na sua intimidade de filósofo e de evangelista, aquele que mais completamente assimilou o pensamento e mais perfeita e integralmente se conservou fiel ao espírito de sua filosofia social e política. Todos os outros se desviaram; menos Gentil, que ficou sendo o ortodoxo do grupo.”

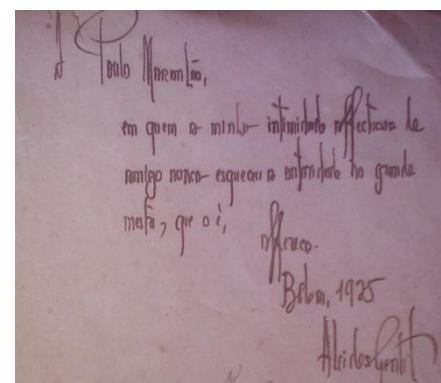
Na sua edição de 10 de setembro de 1963, o jornal *A Folha do Norte* publicou a seguinte reportagem enviada, no dia anterior, pela sucursal carioca do referido jornal:

“O Grêmio dos Paraenses no Rio de Janeiro, em sua sessão de diretoria, presidida pelo desembargador Emmanuel Sodré, prestou homenagem póstuma ao ilustre conterrâneo, Dr. Alcides Gentil, falecido dias atrás nesta capital. Por delegação do presidente do Conselho Deliberativo, falou o nosso confrade Martins e Silva, atualmente na presidência da executiva.

Com muita justiça, num ligeiro retrospecto da vida do ilustre morto, focalizou o seu valor intelectual, como um homem das letras e de



Acima, a capa da 2ª edição da mais importante das obras de Alcides Gentil.



Na caprichada caligrafia de Alcides, a dedicatória de um de seus livros, em 1925: “A Paulo Maranhão, em quem a minha intimidade afetuosa do amigo nunca esqueceu a autoridade do grande mestre.”

elevada cultura jurídica e pedagógica.

Salientou o orador a irreparável perda para a Nação de um nobre homem público como foi Alcides Gentil, dedicado ao serviço das causas nacionais, como jornalista, escritor, professor e jurista, dentro da estrutura moral de ferro de suas atitudes de liberdade e independência. O seu nome deixou de ser nacional, para chegar à vida cultural internacional, com citações, em livros estrangeiros, dos seus ensi-

namentos e princípios doutrinários e jurídicos.

A sua vida, desde estudante do Ginásio Paraense até às culminâncias da sua carreira de jornalista e professor emérito, foi um livro aberto de atitudes e rasgos de um caráter independente e profundamente caldeado numa auréola de honestidade individual e profissional. Tendo ingressado no Ministério Público no Rio de Janeiro, ao tempo de Getúlio Vargas, preferiu deixar imediatamente o seu cargo, a aceitar a campanha que, na época, a polícia estava fazendo contra os centros espíritas cariocas.

A independência dos seus atos valia-lhe como patrimônio moral da sua brilhante e culta carreira profissional. Morreu, como todos os homens de boa fé e de formação de caráter rígido, na pobreza, nada deixando a não ser a tradição do seu respeitado nome.

Terminou o Sr. Martins e Silva afirmando: Homens dessa estirpe, paraenses dessa linha de patriotismo e beleza moral de atitudes e caráter, aureolados por uma existência de cultura e amor à causa pública, assinalam na vida histórica da nossa Pátria uma tradição e uma bandeira de exemplo e civismo.

Alcides Gentil honrou a nossa terra, deixando o seu nome como um símbolo de patriotismo e cultura às gerações vindouras.”

Alcides Gentil não reuniu em livro os seus poemas. Mas os jornais e revistas de Belém e do Rio de Janeiro, com os quais sempre colaborou, ficaram cravejados de pérolas poéticas que o seu estro compôs, algumas das quais foram resgatadas no quinto volume da *Introdução à Literatura no Pará*, de José Ildone, Clóvis Meira e Acyr Castro – como o soneto *Renúncia*, que assim termina: “E enquanto espreitas, preguiçoso obreiro (...) / Tua pátria se rende ao forasteiro.”

## O clã do coronel Viana Gentil – celeiro de notáveis da cultura alenquerense

JOAQUIM CAETANO VIANA GENTIL e EMÍLIA BENVINDA PEREIRA GENTIL (cujo nome de solteira era Emília Benvinda Pizza Pereira), tiveram cinco filhos: **Alcides Gentil**, **Laurieta Gentil**, **Pelaio Gentil**, **Favilla Gentil** e **Dinair Gentil**.

■ **ALCIDES** casou-se com **HUMBERTINA LOPES GENTIL**, com quem teve apenas um filho: **Joaquim Caetano Gentil Neto**.

■ **LAURIETA** casou-se com **JOAQUIM ASCENDINO MONTEIRO NUNES** e, desse consórcio, nasceram sete filhos: **Janary Gentil Nunes** (primeiro governador do então Território Federal do Amapá, presidente da Petrobras e embaixador do Brasil na Turquia, dentre outros cargos de relevo que ocupou; publicou, em 1959, a obra *A Verdade sobre o Manganês do Amapá*); **Coaracy Gentil Monteiro Nunes** (político, exerceu ininterruptamente o mandato de deputado federal pelo PSD do Território Federal do Amapá desde 1946 até 21 de janeiro de 1958, quando morreu tragicamente em desastre de aviação próximo à Vila do Carmo, no Rio Macacoari, interior de Macapá, onde estivera, na véspera, assistindo aos festejos de São Sebastião: poucos minutos após levantar vôo, na manhã do dia 21 de janeiro, debaixo de forte cerração, rumo à localidade de Porto Grande, onde o aguardava um outro evento político, o pequeno avião “teco-teco”, em que viajava Coaracy, caiu na mata, incendiando-se e matando carbonizados o deputado, seu amigo e correligionário Hildemar Pimentel Maia e o piloto Hamilton Mendonça); **Iacy Gentil Nunes**; **Pauxy Gentil Nunes** (que também governou o Território Federal do Amapá, de fevereiro de 1958, em meio à comoção pela morte de Coaracy, até fevereiro de 1961, quando foi demitido pelo presidente Jânio da Silva Quadros, ao qual fazia oposição cerrada; publicou a obra *Mosaicos da Realidade Amapaense*, em 1963, que mais se assemelha a um plano de governo); **Ubiracy Gentil Nunes**; **Amaury Gentil Nunes** e **Miracy Gentil Nunes**.

■ **PELAIO** casou-se com **HUMBELGA DE SENA GENTIL**, com quem teve quatro filhos: **Emília Augusta de Sena Gentil**, **Atílio de Sena Gentil**, **Alcides Gentil Sobrinho** e **Ayrton de Sena Gentil**.

■ **FAVILLA** (cantor, compositor, poeta e seresteiro) contraiu primeiras núpcias com **MARIA AUGUSTA NOGUEIRA GENTIL** (Mariá), com a qual teve um filho: **Pelaio Zênio Gentil** (Mariá faleceu no parto do segundo filho, Roberto, que também não sobreviveu), e, em segundas núpcias, Favilla casou-se com **ZARA DE JESUS VALENTE GENTIL**, de cujo enlace nasceram nove filhos: **Roberto** (em homenagem ao segundo filho de Mariá), **Maria Augusta** (também chamada Mariá, em homenagem à primeira mulher de Favilla), **Hildete**, **Rivaldo**, **Helena**, **Danilo Itabaracy**, **Heleno de Moema**, **Samaritana** e **Antônio Heleninho** (Lilico), além de **Amélia**, filha da Favilla criada por Zara.

■ **DINAIR** (nascida em 16 de dezembro de 1907, faleceu em 1º de fevereiro de 1967 e exerceu durante muitos anos o cargo de escritã estadual em Alenquer) casou-se com **ARSÊNIO CARLOS RIBEIRO DE LIMA**, com quem teve duas filhas:



Os irmãos Janary e Coaracy Gentil Nunes – dois dos mais ilustres descendentes do coronel Joaquim Caetano Viana Gentil e de dona Emília Benvinda.

Maria de Nazaré Gentil de Lima e Dinarsenira Conceição Gentil de Lima (esta, responsável por essas preciosas informações gentilmente repassadas por seu primo Alcides Gentil Sobrinho ao editor do boletim).

### PÉROLAS FILOSÓFICAS DO ALENQUERENSE ALCIDES GENTIL

- “A autoridade do poder, na ordem interna, originou-se da força; na ordem internacional nascerá da opinião.”
- “A moral não é o fim da ação, nem é, tampouco, uma solução necessária; é uma inspiração e um ideal. Como inspiração, ponto de partida da atividade mental, ela entra na elaboração das ideias, para transformar-se em atos; como ideal, orienta o pensamento, determinando a direção da ação. É a sentença de Augusto Comte: agir por afeição e pensar para agir.”
- “Há uma violência moral equivalente à violência física, tão ilegítima quando usada contra o homem, como legítima quando usada em proveito dele, ou contra os elementos materiais que se opõem à sua atividade útil.”
- “Formar consciência significa possuir, com os poderes de sensação e percepção, o de formar juízos – juízos concretos sobre as coisas; juízos abstratos sobre as ideias; juízos morais sobre os sentimentos.”
- “O hábito de trazer tudo à barra do julgamento leva-nos a não ver os assuntos públicos senão pelo dilema do bem e do mal, do honesto e do desonesto; a avaliação do que é social apagou-se tanto no nosso critério, que os pormenores pessoais e acidentais sobrelevam a programas e ideias.”

(Extraídas da obra *As Ideias de Alberto Torres*, 2ª edição, refundida – SP: Cia. Ed. Nacional, 1938)

## (Re)descobrimo Francisco Gomes de Amorim (V) – ecos da *Cabanagem*



Ele era apenas “um rapazito de dez anos de idade” quando chegou ao Pará em 18 de setembro de 1837. O marechal José Rodrigues de Souza Soares de Andrea, presidente da Província do Pará, já havia derrotado, em maio do ano anterior, o terceiro governador *cabano* Eduardo Francisco Nogueira Angelim e retomado a cidade de Belém. Contudo, a

*Cabanagem* prosseguiria pelo interior paraense até 1840, quando os revoltosos foram anistiados. Francisco Gomes de Amorim ficou no Pará até 22 de março de 1846 e conviveu, é certo, com os ecos da *Cabanagem*, especialmente no Baixo Amazonas, pois radicou-se em Alenquer de 1840 a 1843. Seu relato trai a visão lusitana dos acontecimentos, mas é bem verossímil o seu testemunho, como no romance *Os Selvagens* (1875):

“Os cabanos tiveram origem numa noite de matança, na cidade do Pará [Belém], em 1835. O núcleo do bando, que mais tarde se quis chamar político, para ver se assim conseguiam lavar a ignomínia de que se cobriram os brancos associados às suas torpezas e atrocidades, não fora composto somente de homens de cor e sem educação nem posição social. O ódio aos portugueses, o ciúme, a inveja, as ambições mal sofridas, o desprezo

das leis sociais, as tendências ferozes das pessoas, que a civilização não conseguira levantar moralmente ao nível social em que as colocara, todas as paixões más, enfim, que revolvem as almas dos entes depravados pela avidez do gozo, ou embrutecidos pelos vícios, concorreram para a aliança daqueles facinorosos. Apenas correu a notícia de que a cidade de Belém, então capital do Pará e do Amazonas, se tinha insurgido contra o governo, assassinando autoridades legais, quase todas as outras povoações das duas províncias a imitaram. Ninguém queria ficar para trás, nem fazer menos do que a capital. Tudo quanto havia de infame, vil, reprovado e patibular, no povo das vilas e aldeias do sertão, quem sabia pegar numa espingarda, ou num arco, empunhar o machado e a faca, e se sentiu capaz de não perdoar a parentes e amigos, e de ser mais selvagem e feroz com os seus semelhantes do que com as serpentes e os tigres, foi bem-vindo à *cabanagem*! (...) Perseguidos, enfim, após longos meses de horroroso predomínio; expulsos da capital, e das outras terras importantes do baixo Amazonas; batidos no seu reduto de Icuipiranga, e ameaçados em todo o alto Amazonas e Rio Negro, espalharam-se pelos confluente e tributários deste, fugindo sempre covardemente, onde achavam resistência, e renovando as crueldades e torpezas a cada vez que encontravam gente inerme, crianças, velhos, enfermos e mulheres! Tais eram os cabanos.”